

O presidente da Pullman Company concebeu, em sua própria cabeça, uma bela cidade. Ele dispunha de poder suficiente para construí-la e preferiu não ouvir nem consultar os que deviam morar nela. Ora, em empreitadas como essa, o reconhecimento da necessidade do consenso das pessoas interessadas torna o progresso mais lento, mas também o faz mais saudável e bem alicerçado. Ao passo que, sem consenso, mesmo o mais generosamente concebido plano ou experimento social tende a se tornar um desastre — como a cidade-modelo do sr. Pullman.

“Aquele que insiste no consenso e se ampara na opinião das pessoas é levado a servir, não só ao ideal, mas ao factível. Frequentemente, apenas alcança o que Lincoln chamava ‘o melhor possível’ e muitas vezes tem a sensação de comprometer suas mais fundas convicções. Avança, lado a lado com os outros, no rumo de uma meta que nem ele próprio nem seus companheiros vêem muito claramente, até que a atingem.”

Assim falava a sábia sra. Jane Addams (*A Modern Lear*) comentando a greve nas indústrias Pullman, que abalou os Estados Unidos não sei mais há quantas décadas. O bilionário Pullman havia construído uma imensa fortuna e, qual moderno rei Lear, achava que sabia como seus operários deviam viver. Não deu certo. Mas o dramático malogro de sua bem-intencionada tentativa o fez membro, ainda que modesto, de uma insigne confraria de homens cujo representante mais notável terá sido provavelmente o russo Vladimir Ilitch Ulianov, o Lenin.

Revolucionários: criaturas que não só sabem exatamente como os outros devem viver como são capazes de reunir poderes bastantes para impor à coletividade sua maneira de pensar. Nosso século, este que está acabando, foi talvez, em toda a História, o mais marcado por figuras assim, e o que mais sofreu tentando pôr em prática suas



O que as pesquisas mostram é que FHC não teve adversário

idéias ensandecidas. Pol Pot no Camboja, Ho Chi-min no Vietnã, Mao na China, Lenin, Trotsky e Stalin na URSS, Fidel no Caribe — herdeiros e executores dos utopistas do século 19 e do último e maior deles, Karl Marx.

Mas a revolução não viveu apenas desses titãs. O revolucionarismo é, na verdade, uma espécie de doença endêmica que ataca de preferência os intelectuais e os mais jovens, e os transfor-

ma em militantes, em conspiradores. É uma espécie de ecumênica usina de fanáticos, pela qual tantos de nós passamos e da qual muitos não conseguem nunca se libertar. Afinal, é preciso *crer* em alguma coisa; e é bom sentir o calor do companheirismo, a viva solidariedade da conspiração por um ideal ou, quando menos, um plano de poder...

Octavio Paz foi um desses, quando moço; um dos “nossos”. Agora, em 1989, diante da derrocada da União Soviética, ocorreu-lhe dizer que se tinha chegado, não ao “fim da História”, como queria Fukuyama, mas ao fim de uma era: o fim da Era da Revolução, que teria começado com a Re-

volução Francesa de 1789 e durante dois séculos embalou os sonhos e a esperança de milhares e milhares de homens e mulheres pelo mundo afora; a idéia de que a mente humana é capaz de conceber uma sociedade justa, livre das imperfeições e iniquidades da vida real, e que os homens se podem unir para pô-la em prática...

Para Octavio Paz, o desastre soviético valia como uma espécie de espetacular coroamento das experiências do século e enterrava, diante da humanidade, essa idéia em verdade pretensiosa e arrogante. Repunha os homens diante da modéstia de sua condição. O sonho das minorias revolucionárias e dos seus líderes ardentes (essas “tempestades de homens”, como os chamou Mário de Andrade) produz monstros e aleijões. Melhor é o bom senso e a moderação dos “reformistas”. Melhor é a democracia — ainda que temperada pela social-democracia à maneira européia, respeitosa da realidade do mercado (que ninguém inventou: faz parte da ordem natural das coisas) e do voto livre e soberano da maioria dos eleitores.

O Brasil, no dizer do candidato Fernando Henrique, é um país “injusto”. Além de injusto (diríamos nós), distante e ignorante — o que não nos impediu de viver, até com bastante intensidade, a era da revolução. Tivemos, dos anos 30 até os anos 50, o herói Luís Carlos

Prestes, cujo enorme prestígio entre militares e civis não era biscoito. Tivemos, do lado oposto, antes da guerra, os camisas-verdes. Tivemos, depois, já na fase de influência fidelista, Brizola, Lamarca, Marighela, até o Lula (as origens do Luiz Inácio Lula da Silva, nas Pastoris da Terra e na Teologia da Libertação).

Nenhum desses homens ou correntes chegou propriamente ao poder, mas ninguém negará a considerável influência que tiveram em nosso processo histórico, especialmente a partir do malogrado golpe da renúncia de Jânio Quadros, em 1961, que entregou o poder ao seu vice, Goulart, e a seu cunhado, Leonel, que era então um ferrabrás verdadeiro, muito distante do seu atual e melancólico fim de carreira.

Cada país tem a Era da Revolução que merece, mas é possível que, também no nosso caso, Octavio Paz tenha razão e a era, afinal, tenha acabado. Essa é, pelo menos, a mais óbvia maneira de interpretar as atuais acachapantes pesquisas de intenção de voto que, se forem confirmadas amanhã, darão a Fernando Henrique uma vitória sem paralelo nos anais da República.

Fernando não é nenhum grande líder carismático, nenhum demagogo condutor de multidões, nenhum herói de guerra. Com o seu Plano Real, pelo qual batalhou durante mais de ano e que acabou aplicando sem choques, sem surpresas, buscando o consenso e o apoio de todos, ele se revelou, ao contrário, um hábil administrador de conflitos, um homem de Estado capaz de obter o bem público pelo caminho da democracia e da decência. Conquistou a confiança do povo e do País, não como um contestador revolucionário, não como um outro Lula (ou um moderno Pullman), mas como um bom discípulo da sábia sra. Jane Addams.

O que as pesquisas estão mostrando (e a eleição deve confirmar) é que Fernando Henrique, na verdade, não teve adversário. A era da revolução acabou — se não para sempre, ao menos por um bom período de tempo. Que chorem as suas viúvas, que não são poucas.

■ Fernando Pedreira é jornalista e escritor

